



“PERCEBI UMA CARA FEIA POR PARTE DA REFERIDA COLEGA, MAS OUTRAS NÃO FIZERAM CARAS E BOCAS”: AS QUESTÕES DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE EM UMA FEIRA DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS

Eixo Temático EIXO 13 - GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: NOVAS AMEAÇAS, ENFRENTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS

Mac Cleide de Jesus Braga Amaral ¹
Marcos Lopes de Souza ²

RESUMO

O texto apresenta uma ação realizada durante uma pesquisa de mestrado com uma turma do 5º ano do ensino fundamental, focada nos temas corpo, gênero e sexualidade e desenvolvida de forma colaborativa entre uma pesquisadora, uma professora e 28 estudantes. A iniciativa culminou em uma Feira de Ciências aberta à comunidade escolar. A feira foi vista como um ato de subversão e abertura por parte da docente, ao compartilhar temas sensíveis com a escola, promovendo reflexões e diálogos sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades com base nas vivências e olhares das(os) suas(os) estudantes.

Palavras-chave: Corpo, gênero e sexualidade, Parceria colaborativa, Feira de ciências, Ensino fundamental.

Introdução

O título deste texto apresenta uma das importantes falas da professora Marina³, participante da supracitada pesquisa: *“percebi uma cara feia por parte da referida colega, mas outras não fizeram caras e bocas”*, e se destaca, por se referir às colegas e seus estranhamentos diante das ações sobre as questões de corpo, gêneros e sexualidades desenvolvidas ao longo da pesquisa que deu origem a este texto, pois nesse caso, a ação/Feira de Ciências mencionada, se tornou um espaço de contestação dessas normas,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-BA, mac.jbamara@gmail.com;

² Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-BA, marcos.lopes@uesb.edu.br;

³ Nome fictício escolhido pela própria professora participante da pesquisa. Exceto o nome das autoras, quaisquer outros nomes citados neste texto são fictícios, com a finalidade de preservar o anonimato das(os) participantes.



Segundo Louro (2014), é comum que haja resistência às abordagens sobre gênero e sexualidade nas escolas, baseada principalmente em argumentos de ordem religiosa e moral, partindo do pressuposto de que essa tarefa deve ser exclusivamente atribuída às famílias. Essa compreensão leva ao silenciamento, fazendo com que muitas pessoas acreditem que essas questões fiquem de fora da escola, porém, isso não impede que as sexualidades se manifestem e se movimentem no contexto escolar. Nesse sentido, a escola pode ser espaço de resistência e valorização da diferença, esfera na qual, múltiplas práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas, considerando as discussões acerca das questões de gênero e sexualidade (Furlani, 2013).

A curiosidade das crianças em relação à sexualidade, como observadas nas interações ocorridas durante as ações desenvolvidas ao longo da pesquisa e na Feira de Ciências, revelam a necessidade de um currículo e uma pedagogia que abranja a discussão sobre a diferença, perspectivando a desconstrução da normalização que evidencia a heteronormatividade e o questionamento das normas sociais regulatórias (Cesar, 2019).

Assim, a visibilidade proporcionada a esses temas em ações no cotidiano escolar, como na Feira de Ciências apresentada e discutida neste texto, poderá favorecer para a problematização de temáticas permeadas por negação e silenciamentos, contribuindo para a formação docente continuada, para o processo de ensino e de aprendizagem no âmbito do Ensino de Ciências no que tange a essas e outras questões, assim como na formação de sujeitos mais questionadores e reflexivos.

Trilha metodológica

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, na perspectiva de Minayo (2007), que enfatiza a relevância de explorar significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Configura-se como uma pesquisa colaborativa, que conforme Ibiapina (2008), se caracteriza pela co-produção de conhecimento entre pares, com o intuito de dirimir coletivamente, questões pertinentes à educação, valorizando a participação, colaboração e reflexão crítica, em um contexto formativo.

É importante ressaltar que este estudo integra uma pesquisa mais abrangente, envolvendo uma professora regente de uma turma do 5º ano do ensino fundamental e 28 estudantes de uma escola pública no município de Jequié-BA. A proposta colaborativa



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Resistência



foi implementada ao longo de, aproximadamente, três meses de trabalho, onde ocorreram 24 encontros. Destes, oito foram destinados a aulas/ações em sala de aula, enquanto os outros 16 focaram no planejamento das ações, estudos e avaliações. As intervenções em sala de aula foram registradas por meio de um diário de campo, já os demais encontros foram gravados em áudio, com devida autorização. A colaboração e produção dos textos foram orientados por referenciais pós-estruturalistas no âmbito dos estudos de gênero, corpo e sexualidade. A interpretação dos dados produzidos foi realizada por meio da Análise Textual Discursiva, que visa interpretar os sentidos e significados emergentes da leitura de um conjunto de textos (Moraes, 2003).

Neste artigo, direcionamos nossa análise para a Feira de Ciências, última ação realizada com as(os) estudantes na escola. Nesta Feira, a professora Marina e as(os) estudantes expuseram as atividades sobre corpo, gênero e sexualidades desenvolvidas ao longo da unidade letiva. Esta ação teve a duração de 4 horas e a discutiremos na seção a seguir, no qual descreveremos de modo resumido, conforme diário de campo, como a ação decorreu, ao tempo em que revisitaremos sucintamente algumas inquietações e subversões que atravessaram a respectiva ação.

Feira de Ciências: corpo, gênero e sexualidade

A respectiva ação realizada na escola em formato de Feira de Ciências, visando expor o trabalho desenvolvido no decorrer da parceria colaborativa para a comunidade escolar, além de ser uma devolutiva importante, foi uma atividade atravessada por inquietações, resistências e aprendizagens. Nesse sentido, revisitaremos alguns desses atravessamentos nesta seção.

Antes do início da aula já havia crianças esperando a pesquisadora, pois ficou definido que parte da turma chegaria cedo para organizar e, posteriormente, apresentar os cantinhos. Foram Sete cantinhos, cada um referente a uma temática desenvolvida nas ações, respectivamente: *Corpo/Sistema Genital: Masculino, feminino e intersex/ Gravidez e parto/ Conceito e identidade de gênero/ Marcadores de gênero/ Sexualidade e diversidade sexual e IST-AIDS*. A apresentação de um jogral, de uma flautista e de uma música também fizeram parte do cronograma de atividades da feira.

O entusiasmo e empolgação das crianças eram visíveis, preocupadas em dar conta de apresentar para as(os) visitantes e colegas os assuntos que discutimos ao longo das sete ações anteriores. Ao chegar, a professora distribuiu as tarefas, tendo o cuidado de



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileira Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



perguntar novamente para a turma quem se sentia confortável para abordar as temáticas. A professora enfatizou que esse era um momento especial, onde elas(es) tinham a oportunidade de demonstrar o conhecimento produzido e tudo que tinham aprendido nas aulas.

Após apresentação do jogral para cada turma visitante, eram destinados 30 minutos para se dirigirem aos cantinhos, conforme preferência, objetivando apreciação e diálogo com as(os) estudantes. Percebemos que quando não se sentiam seguras(os), elas(es) procuravam a pesquisadora ou a professora para explicar novamente o assunto, antes de apresentarem.

Os cantinhos que mais atraíram a atenção foram o de (IST/AIDS), e o cantinho gravidez e parto. As duas primeiras turmas que visitaram a feira, uma do 3º ano e a outra do 4º, demonstraram muita abertura, principalmente as professoras. Elas(es) elogiaram, disseram que foi um ótimo trabalho e não fizeram “*caras e bocas*”, segundo posicionamento de Marina, apenas deixaram a curiosidade transparecer e tanto as professoras como as(os) estudantes ficaram atentas(os) aos cantinhos,

Já a terceira turma programada para a visita, e que também era do 5º Ano, apresentou um pouco de resistência, se atrasou, mas após o intervalo, resolveu participar. Marina salientou que, sempre que falava da pesquisa, da parceria colaborativa e dos assuntos que estávamos trabalhando, percebia uma “*cara feia*” por parte da colega, docente da turma, demonstrando certa resistência. Também salientou que ela é muito religiosa. No decorrer da exposição, notamos que as professoras, funcionárias(os) e mães da escola que estiveram presentes fizeram questão nos parabenizar e enfatizaram o quanto o trabalho foi bom. Se por um lado houve resistência, receios e tentativa de impedir que algumas coisas fossem ditas, na perspectiva de barrar ou controlar os discursos (Foucault, 2002), por outro, notamos o entendimento de permissão e aprovação “concedido”.

Um ponto positivo foi a forma como Marina recepcionou e interagiu com as turmas convidadas, sempre priorizando o diálogo e explicando de forma resumida tudo o que as turmas teriam acesso. Outro aspecto que chamou a atenção foi a curiosidade e os risos da última turma convidada, também do 5º ano. Elas(es) ficaram muito eufóricas(os) quando se depararam com os painéis e cantinhos. Também houve destaque da resistência por parte de algumas crianças, parte queria voltar para sala, outra demonstrava timidez e até medo diante do que estava sendo apresentado. Mesmo assim, houve questionamentos do tipo: “*como é que a gente faz sexo?*”, “*uma mulher com AIDS pode parir sem*

contaminar o bebê? Percebemos que, quando essas questões são abordadas, causam desconforto. A resistência, a timidez e o medo, permeadas pela curiosidade das crianças, podem refletir normas e barreiras culturais e sociais em torno das temáticas. Esses comportamentos são comuns quando se discute sexualidade em contextos escolar e também familiar, que muitas vezes são perpassados por tabus, pelo “não dito”, pois mesmo quando essas questões não estão ausentes em tais contextos, a vigilância e o controle, de modo implícito, incitam o que pode ser ou não dito e vivenciado (Foucault, 2002).

Um aspecto positivo foi a curiosidade de todas(os) pelos livros de literatura voltados para a infância que abordam as questões de corpo, gênero e sexualidade e que estavam expostos em varal em um dos cantinhos. Muitas crianças logo que eram solicitadas a apreciarem os cantinhos, imediatamente escolhiam um livro de maior interesse e chamavam a(o) colega para que pudessem ler sentadas(os) no final do pátio, após concluir, procuravam dirimir dúvidas. Para Xavier Filha (2014), a partir do que pode ou não ser considerado correto para o gênero e para a sexualidade, os livros para a infância podem instigar a reflexão da criança nessa importante fase da vida. Além disso, houve muita curiosidade em relação à camisinha feminina. Em pesquisa feita com alunas do ensino médio em escola na Bahia, Moraes (2019) destacou o estranhamento e desconforto de 92 alunas ao tratar desse dispositivo de proteção, reiterando o desconhecimento prévio.

Ao final da ação, a turma se aproximou da pesquisadora e da professora, salientando sua felicidade, pois conseguiram falar sobre as temáticas e que tudo havia dado certo. Muitas fotos foram tiradas e em tal contexto, as(os) estudantes elogiavam, agradeciam e reiteravam o quanto foi possível aprender e que sentiriam saudades da pesquisadora durante as aulas de Ciências. Acreditamos que o feedback positivo das(os) discentes ao final da Feira indica que, apesar das dificuldades, a experiência foi enriquecedora. Os elogios e agradecimentos recebidos mostraram que a iniciativa não apenas promoveu aprendizados e interações, mas também fortaleceu laços de afeto e respeito entre docentes e discentes, além de nos fazer pensar que a educação para a sexualidade, independente do nível de ensino, precisa se caracterizar pela continuidade, como salienta Furlani (2013).

Algumas Considerações



Neste estudo, que teve como gênero, saúde interseccional para as questões de corpos, gêneros e sexualidade no contexto dos anos iniciais por meio de uma pesquisa colaborativa, houve embaraços e resistências, mas também, subversões e possibilidades.

A realização da ação intitulada Feira de Ciências: Corpo, gênero e Sexualidade foi desafiadora e potente, tornando-se espaço de diálogo, problematização e reflexão sobre temas muitas vezes silenciados nas escolas, por isso, se constituiu como uma oportunidade de subversão. A forma como a docente e a parceira colaborativa navegaram por essas inquietações, construindo coletivamente a parceria, respingou na ação final, contribuindo para o envolvimento e desenvolvimento das(os) discentes e a participação e interação da comunidade escolar.

Referências

CESAR, Carolina Sobreira. Corpo, Gênero e sexualidade no cotidiano escolar: possíveis olhares. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 210–226, 2019. DOI: 10.5216/ia.v44i1.48980.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Liber Livros, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; Gomes, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORAES, Alexia Aline da Silva; SUTO, Cleuma Sueli Santos; OLIVEIRA, Ester Mascarenhas; PAIVA, Mirian Santos; FERREIRA, Cláudia Suely Barreto; BARRETO, Marizete Alves da Silva de Amorim. O olhar de alunas de escola pública sobre o preservativo feminino. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, p. e20180277, 2019.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, n. spe-1, p. 153–169, 2014.